



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III CENTRO DE HUMANIDADES GUARABIRA
CENTRO OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

DARLIENE DA SILVA CHAGAS

**O USO DO CULTISMO NAS PÁGINAS DE *ENCARNAÇÃO*, DE JOSÉ DE
ALENCAR**

**GUARABIRA
2022**

DARLIENE DA SILVA CHAGAS

**O USO DO CULTISMO NAS PÁGINAS DE *ENCARNAÇÃO*, DE JOSÉ DE
ALENCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

Área de concentração: Ensino. Literatura
Lexicologia.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C125u Chagas, Darliene da Silva.
O uso do cultismo nas páginas de enganação, de José de Alencar [manuscrito] / Darliene da Silva Chagas. - 2022.
22 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Linguagem. 2. Cultismos. 3. José de Alencar. I. Título
21. ed. CDD 410

DARLIENE DA SILVA CHAGAS

O USO DO CULTISMO NAS PÁGINAS DE *ENCARNAÇÃO*, DE JOSÉ DE
ALENCAR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

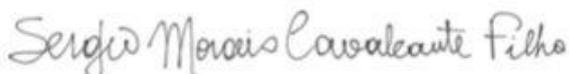
Área de concentração: Ensino. Literatura
Lexicologia.

Aprovada em: 24/10/2022.

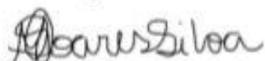
Banca Examinadora:



Ms. Rafael Francisco Braz - UFCG



Me. Sérgio Morais Cavalcante Filho (Avaliador – UFCG)



Me. Michelle Luise Soares da Silva (Avaliadora – IFRN)

À minha mãe e ao meu esposo, pela
dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

“Ele estava só; junto dele não havia outro corpo, mas uma essência divina, em que se imergia; um resplendor que se condensava em formas voluptuosas para envolvê-lo de luz. As chamas dessa luz o abrasavam, mas com uma lava doce e inebriante, que lhe acrisolava o ser. Enfim ele sentiu que sua alma desprendendo-se das cinzas, remontava ao céu.”

Encarnação (1983), José de Alencar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Plano de Aula	17
Quadro 2 – Sequência Didática.....	18

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O PAPEL DA LINGUAGEM NO ROMANCE.....	12
3	LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL	14
4	METODOLOGIA.....	16
5	DA ELEGÂNCIA DO CULTISMO NA OBRA DE ALENCAR.....	19
	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	24



O USO DO CULTISMO NAS PÁGINAS DE *ENCARNAÇÃO*, DE JOSÉ DE ALENCAR

L'UTILISATION DE CULTES DANS LES PAGES « D' *ENCARNAÇÃO* », PAR JOSÉ DE ALENCAR

Darliene da Silva Chagas¹

Resumo

O uso da língua é que se configura como um traço comum às diversas sociedades e se constitui, como um conjunto de símbolos, sejam eles naturais ou artificiais, que servem como base para a comunicação. Portanto, neste artigo, propomos investigar a presença de cultismos em *Encarnação* (1893), obra póstuma de José de Alencar. Para atingir aos objetivos pré-estabelecidos, tomamos como metodologia de cunho qualitativo-quantitativo a apreciação da linguagem utilizada para compor a trama narrativa, com foco no uso dos cultismos. Nossa fundamentação teórica baseia-se em Sales (2007) quanto aos folhetins como forma de divulgação dos romances românticos, Bagno (2019), Coutinho (2005) e Lyons (1987) no que se refere a seus estudos sobre a língua, Cevasco (2012) em seus estudos sobre cultura e Silva (2008) e seus estudos sobre cultismos, Ferreira (2000) para a definição e constatação dos usos dos cultismos. A análise nos mostra a necessidade de estudos que contemplem estudos linguísticos, não feitos de forma isolada, mas entrelaçados aos estudos da cultura, da literatura e dos processos identitários que a linguagem é capaz de produzir nos sujeitos.

Palavras-chave: Linguagem. Cultismos. José de Alencar.

Résumé

L'usage du langage se configure comme un trait commun dans différentes sociétés et se constitue comme un ensemble de symboles, naturels ou artificiels, qui servent de base à la communication. Par conséquent, dans cet article, nous proposons d'enquêter sur la présence de cultes dans *Encarnação* (1893), une œuvre posthume de José de Alencar. Afin d'atteindre les objectifs préétablis, nous avons pris comme méthodologie qualitative-quantitative l'appréciation du langage utilisé pour composer l'intrigue narrative, en nous concentrant sur l'utilisation des cultes. Notre fondement théorique repose sur Sales (2007) concernant les feuilletons comme moyen de diffusion des romans romantiques, Bagno (2019), Coutinho (2005) et Lyons (1987) concernant leurs études sur le langage, Cevasco (2012) dans ses études sur culture et Silva (2008) dans ses études sur les cultes, Ferreira (2000) pour la définition et la vérification des usages des cultes. L'analyse nous montre la nécessité d'études qui incluent des études linguistiques, non menées de manière isolée, mais entrelacées avec des études de la culture, de la littérature et des processus identitaires que la langue est capable de produire chez les sujets.

Mots-clés : langage. cultes. José de Alencar.

¹ Discente da pós-graduação em *Lato Sensu* Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: darliene.chagas@aluno.uepb.edu.br

1 Introdução

A linguagem é o fator preponderante e distintivo entre os seres humanos e os outros animais é por meio dela, que interagimos com o mundo. Repassando e recebendo informações, opinando, questionando, enfim, registrando nossa passagem pelo universo. Com efeito, é esse caráter multifacetado e dinâmico que possibilita à linguagem a reconstrução do passado, a vivência do presente e o vislumbre de um futuro.

Em relação à cultura, a língua/linguagem desempenha um papel imprescindível na construção histórico-cultural dos hábitos e dos costumes que caracterizam uma determinada sociedade. Isto porque, por intermédio da palavra escrita ou falada, podemos reconhecer uma época específica e analisar as transformações sociais que ocorreram de lá até os nossos dias, assim como traçar perfis de comportamentos para compreender melhor aqueles indivíduos.

Nesse contexto, a presença de cultismos, isto é, das palavras e expressões rebuscadas, na obra de José de Alencar, demonstram uma marca identitária deste autor, apresentando o ideal linguístico cultivado em seu meio social, ou seja, a burguesia fluminense do século XIX. Além disso, essa utilização sinaliza sua filiação ao movimento literário romântico, movimento literário vigente na época.

Desse modo, observamos que se torna imprescindível analisar todos esses elementos em conjunto, pois cada um deles exercem influências na composição da trama e, isto, se deve ao fato de que é através da linguagem que os fatos são narrados. Fatos esses que não ocorrem ao acaso, mas que estão atrelados há um tempo e a um espaço determinados. Sendo assim, não se pode analisar a linguagem sem considerar a cultura e os indivíduos em destaque na obra.

Portanto, neste artigo, propomos investigar a presença de cultismos em *Encarnação* (1893), obra póstuma de José de Alencar, dentro das escolhas lexicais feitas para compor a narrativa. Para tanto, buscamos identificar os sentidos desses termos rebuscados e analisar se eles continuam a ser utilizados atualmente ou caíram em desuso. Além disso, também analisamos a importância dos cultismos para a representação da sociedade da época.

A obra *corpus* desta pesquisa tem como trama narrativa, um triângulo amoroso perpassado pelo sobrenatural, no qual Amália, uma bela e rica adolescente de 18 anos se apaixona por Hermano, cuja morte da esposa, Julieta ao sofrer um aborto, leva-o ao isolamento e à tristeza profunda. No desenvolvimento da trama, Amália acaba se casando com Hermano e assumindo a personalidade de Julieta, para agradar o marido.

Nessa obra, que se insere entre os romances urbanos de José de Alencar, podemos observar algumas das principais características desse escritor, como a utilização de uma linguagem repleta de termos rebuscados, ajudando a compor o cenário burguês, no qual acontecem seus enredos na Corte. Outro aspecto que merece destaque é a vinculação desse autor ao movimento romântico, que fica evidente, também, na temática de seus romances.

Para atingir ao objetivo pré-estabelecido, tomamos como metodologia de cunho qualitativo-quantitativo a apreciação da linguagem utilizada para compor a trama narrativa, com foco no uso dos cultismos, assim como na importância desses usos na construção das personagens, dos cenários, bem como dos sentimentos expressos. Com efeito, tudo isso envolto numa atmosfera aristocrática personificada no uso constante de uma linguagem diferenciada.

Sendo assim, justificamos a pesquisa pela relevância da análise da linguagem rebuscada utilizada por Alencar, uma vez que esta é representativa de um recorte social específico, num espaço/tempo determinados: a Corte fluminense do século XIX. Além disso, a análise sobre a utilização ou o desuso dos cultismos nos dias de hoje justifica a pesquisa, tendo em vista que as transformações sociais também incidem no léxico.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postulados por Sales (2007) quanto aos folhetins como forma de divulgação dos romances românticos, Bagno (2019), Coutinho (2005) e Lyons (1987) no que se refere a seus estudos sobre a língua, Cevasco (2012) em seus estudos sobre cultura e Silva (2008) em seus estudos sobre cultismos, Ferreira (2000) para a definição e constatação dos usos dos cultismos.

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em três unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discorreremos sobre os conceitos de língua/linguagem e suas implicações na obra *Encarnação* (1893), *corpus* desta investigação. Logo após, consideramos aspectos da cultura da época, que envolve aspectos importantes sobre o *corpus* de análise.

Por último, para discussão e apontamentos, apresentamos os cultismos que permeiam toda a obra e funciona como o alicerce na construção das personagens e dos cenários presentes na trama narrativa, podendo ser considerados um fator preponderante em relação ao estilo do autor.

Por fim, consideramos esta pesquisa relevante, tendo em vista que ela propõe uma leitura profunda da obra *Encarnação* (1893), não apenas como uma forma de entretenimento e lazer, mas como um modo de conhecer melhor a linguagem usada há mais de um século, assim como a possibilidade de investigar e descobrir que o cultismo ainda está presente em nossos dias.

2 O Papel da Linguagem no Romance

A linguagem é um processo universal que tem diversas ramificações com uma difusão maior. Desse modo, é um vasto campo de estudo que se pauta desde a situação das linguagens (sistema de articulações, aparato fonador e expressões dos pensamentos), de modo individual ao coletivo, a estudos que se deleitam as imensas definições e conceitos do qual esse campo linguístico se apropria.

Por ser um conjunto de sinais, naturais ou artificiais, o qual o homem utiliza-os para comunicar-se socialmente, a linguagem permite a separação do indivíduo humano, como também possibilita a diversidade linguística, que varia de acordo com fatores como sexo, idade, classe social, escolaridade, entre outros, fornecendo assim a expressão de sentimentos, ideias e de pensamentos através de palavras, conforme Coutinho (2005, p. 23) afirma que “Em razão dos sinais, pode ainda a linguagem ser gesticulada ou mímica, quando a comunicação entre pessoas se faz por meio de gestos; glóticas ou faladas, quando por palavras orais; gráficas ou escritas, quando por palavras escritas”.

Como podemos observar, a língua como objeto partilhado por um povo é regida por classificações que também se ramificam, estabelecem-se e organizam-se em conjuntos estruturais e gramáticos da língua, pois para Lyons (1987, p. 15) “Na opinião de Chomsky, os seres humanos são geneticamente dotados de um conhecimento dos princípios gerais ditos arbitrários, que determinam a estrutura gramatical de todas as línguas”.

Assim, entendemos que, na literatura, por compreender os princípios gramaticais de sua língua, o autor José de Alencar se utiliza dela para persuadir o seu leitor, para dialogar com ele, enfim, para comunicar-se com o outro através de sua linguagem, independente das múltiplas formas de expressão que ele escolhe, importando apenas que a mensagem seja recebida e compreendida pelo interlocutor.

Isso só é possível, porque a linguagem humana é multifacetada, isto é, possui múltiplas formas de realização e serve a variados propósitos comunicacionais, tais como: informar um fato, indagar sobre algo, argumentar em favor ou contra uma causa, dar ordens, expressar emoções e sentimentos. Neste último campo, insere-se a linguagem literária, que além dos conhecimentos sobre a gramática da língua, requer criatividade e destreza do autor.

De fato, o trabalho alencariano com a linguagem despertou o interesse do público de sua época, transformando-o em um dos autores mais lidos do seu tempo. Seu prestígio atravessou os séculos e ele continua a encantar leitores ainda hoje, não só pelas temáticas de amor, idealização e beleza presentes em seus romances, mas pelo seu modo particular e produtivo de utilização da linguagem. Conforme argumenta Lyons (1987):

a produtividade de um sistema de comunicação é a propriedade que possibilita a construção e interpretação de novos sinais: isto é, de sinais que não tenham sido anteriormente encontrados e que não constam de alguma lista - seja qual for a dimensão da mesma - de sinais pré-fabricados, à qual o usuário tem acesso. [...] Todos os sistemas linguísticos, por outro lado, possibilitam a seus usuários construir e compreender um número indefinido de enunciados que jamais ouviram ou leram antes. (LYONS, 1987, p. 16)

Na obra *Encarnação* (1893) é possível notar a utilização de uma linguagem regida por um processo de criação consciente, ou seja, o texto é esquematizado por uma estrutura padronizada e normatizada, dentro dos ideais românticos. Por outro lado, os elementos linguísticos postos na obra caracterizam uma determinada classe social, aristocrata, cujo domínio da língua é conduzido pelo cultismo.

A utilização de vocábulos cultos na obra de José de Alencar se deve ao contexto social, no qual seu público leitor está inserido, visto que a língua escolhida sempre será decodificada para uma determinada classe, região, tempo e espaço. Por isso, através da linguagem utilizada pelo autor é notada a presença dos elementos sociais, culturais, políticos e ideológicos manifestados em sua estrutura linguística.

Sendo assim, as características da sociedade burguesa são expressas linguisticamente pelo autor em sua obra romanesca, de modo que permite ao leitor de hoje, através do texto, fazer uma viagem à época retratada na narrativa. Desse modo, a linguagem que o autor utiliza pode causar estranheza, entretanto, esta é uma marca própria do estilo alencariano, uma espécie de assinatura deste autor. Conforme nos alerta Lyons (1987):

Toda vez que falamos ou escrevemos em nossa língua nativa, escolhemos um estilo ao invés de outro, conforme a situação, as relações que existem entre nós e a pessoa a quem nos endereçamos, o objetivo e a natureza do que temos a comunicar, e vários outros fatores. (LYONS, 1987, p.19)

Nesse contexto, evidencia-se que o autor ao produzir estilisticamente *Encarnação* (1893) deixa claro seu estilo culto, bem como seu vínculo ao Romantismo, cuja tendência é aderir a uma linguagem menos usual no dia a dia, já

que essa Escola literária teve como primícias a idealização do mundo e a construção de heróis, que encantam o público, nas palavras de Faraco (1994, p. 3), “[...] nós, seres humanos de qualquer época e lugar, necessitamos de heróis”.

Como podemos perceber, a linguagem é capaz de eternizar o universo ficcionalizado pelo autor e que é recriado toda vez que o leitor abre o livro e desfruta daquela história. Apesar de se tratar de uma obra póstuma, pela organização linguística e escolhas lexicais do autor, é possível reconhecer em *Encarnação* (1893) os hábitos e costumes da sociedade burguesa que Alencar conheceu, vivenciou e experimentou.

Posto isso, constatamos o quanto a linguagem é um organismo vivo, passível de criação e recriação a depender das habilidades criadoras de um autor, que no caso de José de Alencar, primou pelo uso linguístico para construir mundos fictícios que representam o pensamento vigente da sociedade de sua época, assim como, sua própria visão sobre como ele via e sentia a atmosfera de seu tempo.

3 Linguagem, Cultura e Identidade Nacional

Compreendendo que a linguagem é um processo universal, o contexto cultural tampouco é diferente, visto que a cultura é o terreno que cultiva e ramifica a língua(gem). Assim, nota-se que a palavra cultura vem de culto, ou seja, traz a representatividade de uma identidade social erudita, traço próprio da aristocracia. Em *Encarnação* (1893), como em toda a obra alencariana, os cultismos estão presentes, já que é uma marca identitária deste autor.

A partir das influências de pensamentos, a cultura e a identidade nacional vão sendo inseridas na sociedade. *Encarnação* (1893) é uma obra cuja presença de palavras e expressões rebuscadas demonstram uma linguagem culta que representa o ideal linguístico cultivado em um determinado tempo/espço, na sociedade fluminense. Segundo, Cevasco (2012):

Uma das coisas que ficam evidentes nesse apanhado rápido das mudanças de significado de cultura é que o sentido das palavras acompanha as transformações sociais ao longo da história e conserva, em suas nuances e conotações, muito dessa história. (CEVASCO, 2012, p.11)

Desse modo, as nuances socioculturais são transmitidas através do uso desses termos cultos no decorrer da obra de José de Alencar. Pela forma como a linguagem é utilizada, o leitor toma conhecimento de como as personagens vão se moldando perante a sociedade. Ainda conforme Cevasco (2012, p. 12), isso ocorre “como uma maneira de enfatizar a cultura das nações e do folclore.”

Com efeito, José de Alencar, utiliza-se de uma linguagem rebuscada, colocando vários cultismos ao longo do enredo, além de fazer a caracterização das personagens e cenários destacando sentimentos, sensações, aparência e estado de espírito por meio de palavras e expressões, muitas vezes, intertextuais (diálogo entre textos) que precisam ser esclarecidas com nota de rodapé para que o leitor tenha plena compreensão do que é dito.

Utilizando-se do recurso tipológico da descrição, através do uso abundante de adjetivos. Alencar apresenta ao leitor o recorte histórico-cultural dos indivíduos que pretendem representar na obra em análise: a burguesia fluminense do século XIX. Não por acaso, ele é considerado o grande nome do Romantismo brasileiro, uma vez que seus romances da face urbana resgatam a memória da vida na Corte, enaltecendo os bailes e o prestígio de quem os frequentavam.

O requinte do cenário narrativo se evidencia em alguns detalhes, como nas bonecas da jovem protagonista, que eram ricas “figuras de cera e cetim” com as quais reproduzia as quadrilhas que dançava nos bailes da Corte; um piano no qual entoava as óperas a que assistia no teatro. Além disso, as “partidas”, isto é, serões que reuniam amigos em casa para um pequeno banquete, eram comuns nessa família. Conforme nos alerta Silva (2008),

Não se deve esquecer de que a palavra possui um conteúdo conceitual ou afetivo que fala a cada instante das circunstâncias em que o vocábulo esteja inserido na língua através da história. A palavra é uma realidade semântica que constitui uma unidade significativa na cadeia falada. (SILVA, 2008, p. 77).

Desse modo, percebemos que a ambientação social das personagens na obra em análise não se dá por acaso, mas de maneira consciente e bem planejada, para que sobressaia o recorte sociocultural e linguístico escolhidos pelo autor, assim, “Os cultismos possuem um extraordinário interesse para o conhecimento dos fatores histórico-culturais que tem confirmado o léxico de um idioma.” (BUSTOS TOVAR, 1979, *apud* SILVA, 2008, p. 77)

Logo, uma leitura atenta nos leva a refletir sobre o papel da linguagem e da cultura em relação à ideia do autor de que a imagem da mulher perfeita, no Romantismo presente em *Encarnação* (1893), não está em ser a mais bela, a mais simpática ou a mais feliz, mas em sua disposição para renunciar a tudo isso, a fim de satisfazer os desejos do homem. Em outras palavras, a heroína romântica sacrifica sua vida em favor da honra e felicidade do herói.

Essas nuances todas são tecidas com a utilização da norma culta, sempre na tentativa de reafirmar o público-alvo a quem se destinava aquele romance, ao mesmo tempo em que ratificava o poder da “elite intelectual” de ditar as regras de comportamento padrão dos indivíduos na sociedade, e tudo isso perpassado pelo rebuscamento da linguagem, o que para Bagno (2019), representa um campo de estudo que exige cautela e análise crítica:

A conclusão, portanto, não pode ser outra: falar de uma língua é sempre mover-se no terreno pantanoso das crenças, das superstições, das ideologias e das representações. E nessa areia movediça também a filologia, a gramática e a linguística científica acabam se atolando. (BAGNO, 2019, p. 215)

Em suma, analisar a linguagem literária e mais especificamente, as ideologias que estão por trás dessa linguagem, pode gerar distintas e divergentes interpretações, visto que as abordagens podem partir de objetos de estudo diferentes, por isso “o exame das dinâmicas linguísticas deve ser feito com instrumentos analíticos da antropologia, da sociologia e da psicologia social, além dos instrumentos linguísticos.” (BAGNO, 2019, p. 215)

Em outras palavras, a linguagem também é representativa e caracterizadora de uma determinada época, assim como o são as vestimentas, os ambientes, os meios de transporte e de comunicação, os comportamentos e os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Aliás, é por meio da linguagem que todos esses outros elementos se tornam conhecidos e são estudados tendo passado o seu tempo de vigência.

Portanto, se ao discurso literário cabe à representatividade de uma época, com a rememoração talhada pelo registro linguístico eternizado nos livros, aos



leitores atuais cabe não apenas o contato com a obra para uma leitura superficial, mas sim a disposição de mergulhar naquele contexto e promover o diálogo produtivas entre duas épocas, separadas por mais de cem anos de história e por muitos avanços no campo de estudos da linguagem.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

No contexto da linguagem, principalmente, no ensino de Língua Portuguesa focalizando o uso da prática social e criando instrumentos tanto de trabalho, como de pesquisa que consigam definir e compreender melhor o processo de afetividade do léxico em obras literárias.

Inserida nesse contexto de mudanças e com o intuito de promover o despertar do senso crítico. O estudo da categoria lexical surge com o impulso para o desenvolvimento de novos olhares. Diante do exposto, esta pesquisa qualitativa, estando subsidiada pelo estudo lexical e da afetividade.

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los (GOLDENBERG, 2004, p.53).

Nesta perspectiva, é que fomos impulsionados para um estudo de caráter de cunho descritivo-interpretativo, que conforme o GIL (2002, p.42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Para tanto, a natureza da abordagem é qualitativa, que de acordo com os estudos “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 269), pois pressupõe uma análise mais profunda dos aspectos estudados, sendo de suma importância no contexto da linguagem, principalmente, no ensino de língua portuguesa, focalizando o uso de pesquisas que fomentem a melhor compreensão do ensino aprendido

Desse modo, esta pesquisa visa realizar um levantamento de palavras a partir da sua relação elegante e culta presente na obra *Encarnação, de José de Alencar*, pautando-se nos fatos associados à afetividade e em consonância as lexias da palavra.

Os dados analisados foram coletados, durante quatro meses, realizados durante o período das aulas de Metodologia da Pesquisa que deram bases para que através das coletas teóricas, como também, diante da leitura da obra *corpus* de pesquisa fosse realizado o levantamento dos dados.

No tocante a relevância da pesquisa, esse trabalho contribuirá para a compreensão, sob um ponto de vista social, acadêmico e afins, de como a língua é viva e como através das palavras e seus sentidos podem ser construídos diante da literatura literária.

Sobre a construção do *corpus* de investigação deste artigo científico, convém salientar que os dados coletados são de natureza documental que de acordo com Gil (2002) afirma que:

A pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (...) A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. (GIL, 2002. p, 46)

Dessa forma, o *corpus* foi coletado em 2 (duas) formas: a) como: o primeiro um levantamento sobre as palavras ligadas ao cultismo e seus sentidos. b) desse modo: e o segundo momento foi à interligação entre os textos teóricos e o levantamento realizado.

Durante o procedimento de coleta de dados, acompanhamos e observamos como era desenvolvido e transmitido para o leitor a efetividade através das palavras, que envolvia o estudo do gênero romance de *Encarnação, de José de Alencar*. Nosso conjunto de dados está presente no *corpus* de toda a trama do enredo, que apresenta uma visão geral das diversas formas que a escritor expôs o uso de adjetivos culto diante do léxico como identidade estilística em sua obra.

5 Da Elegância do Cultismo na obra de Alencar

O romance *Encarnação* (1893), publicado em livro 16 anos após a morte de José de Alencar, evidencia importantes características do autor, como sua filiação ao movimento romântico, principalmente no que se refere à linguagem como parte da caracterização do contexto social da época, século XIX, reveladas através de seus cenários e personagens da burguesia fluminense.

Na obra em estudo, há a presença notória de palavras cultas, eruditas, que remetem ao latim. Nota-se, ainda, a presença de palavras com conteúdos conceituados, ou seja, com significado e com carga afetivos ligados diretamente à circunstância pela qual a fala é inserida na narrativa. Por esse motivo, é possível notar uma frequência maior de determinados cultismos.

Nesse viés, podemos constatar que o cultismo permite ao leitor do século XXI a descoberta de fatores histórico-culturais através das palavras da língua, configurando-se, assim como um elemento da cultura. Mediante a isso, o cultismo pode acontecer por questões semânticas, sintáticas, morfológicas entre outros fatores estabelecidos pelos falantes, mostrando a relevância da riqueza cultural, como por exemplo, o uso de termos vindos do latim, situação histórica e da vida cultural inserida na narrativa. De acordo com Silva (2008), já que:

O estudo do cultismo está intimamente relacionado com o do ensino do latim durante a Idade Média cujas fontes para o estudo são precisamente os glossários, os documentos, embora sejam muito escassos. Difícil é caracterizar precisamente o cultismo. (SILVA, 2008, p. 77-78).

Nesse contexto, percebe-se a dimensão intelectual que a utilização de cultismos impõe à obra, uma vez que remete ao conhecimento erudito, cujo difícil acesso o impede de estar ao alcance do grande público, tornando-se, assim mais um elemento distintivo e característico da parcela mais abastada da sociedade, conforme observação de Silva (2008, p. 79), “O cultismo não só é de tipo léxico, senão também semântico e ainda, morfossintático.”

Desse modo, os cultismos que aparecem na obra constituem parte de sua construção narrativa, visto que agregam conhecimento não apenas vocabular, mas histórico e cultural sobre o recorte da sociedade retratada. Não obstante, deixa-nos entrever a estética romântica da exaltação, seja da exuberância do estilo de vida

burguês, seja do exagero na descrição dos sentimentos vivenciados pelas personagens.

Dado o exposto, somente, a leitura integral da obra pode dar ao leitor a exata dimensão da influência dos cultismos na construção da atmosfera aristocrática do enredo. Todavia, para chegar a esse nível de entendimento, a leitura não pode ser feita de forma apressada e, para uma melhor compreensão, pode ser necessária a recorrente consulta ao dicionário, visto que muitos dos termos utilizados já caíram em desuso.

O glossário a seguir é um retrato do romance “*Encarnação*” (1893), de José de Alencar, no qual elucidamos por um método fraseológico e lexicológico os termos cultos extraídos do romance supracitado. Por fim, apresentaremos a definição ou a forma comum que o vocábulo possui atualmente. Vale salientar que todas as explicações quanto à etimologia da palavra estão fundamentadas sob as definições fornecidas pelo Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa (2000), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Admitimos, ainda, o contexto da diegese narrativa que contribui para a construção de sentido. Vejamo-los:

1. “Amália seduzia especialmente pela graça radiante, e pela viçosa e ingênua alegria, que manava nos lábios vermelhos, como dos olhos de topázio, e lhe rorejava a lúcida beleza.” (ALENCAR, 1994, p. 13).

Rorejava: *v.t.d.* 1. Deixar sair, cair ou brotar (orvalho, transpiração, etc.), gota a gota. 2. Molhar com pequenas gotas. §*ro.re.jan.te adj2g.* (FERREIRA, 2000, p. 334).

Nota Linguística: Forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

2. “Mas estes bem percebiam que para a travessa e risonha vestal dos salões, o amor não era mais do que um divertimento de sociedade, semelhante à dança ou à música” (ALENCAR, 1994, p. 14)

Vestal: *sf.* 1. Sacerdotisa de Vesta, deusa romana do fogo. 2. P. ext. Mulher muito honesta, ou casta. [PL.: *-tais.*] (FERREIRA, 2000, p. 709).

Nota Linguística: Forma erudita que faz alusão à mitologia romana, reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

3. “Gabar-lhe a beleza, ou elogiar-lhe o vestido, era a mesma fineza. Quando um dos seus apaixonados animou-se o primeiro a dizer-lhe com a voz trêmula que a amava, ela o ouviu calma, sem a menor emoção, como se lhe falassem de música ou de pintura. O que lhe causou alguma surpresa foi o esforço e turbacão do cavalheiro ao proferir aquelas palavras. Entretanto quem observasse a vida íntima dessa moça conheceria o fundo de sensibilidade e ternura que havia sob aquela aparência frívola e risonha”. (ALENCAR, 1994, p. 15)

Frívola: *adj.* 1. Sem importância; sem valor; vão. 2. fútil; leviano, volúvel. §*fri.vo.li.da.de sf.* (FERREIRA, 2000, p. 334).

Nota Linguística: Forma ainda em uso no português em sua modalidade culta.

4. “Alguma vez, nas horas de repouso, quando a imaginação vagueia pelo azul, ela fazia também como todas as moças o seu romance; com a diferença, porém, que o das outras era esperança de futuro, ardente aspiração d’alma; enquanto o seu não passava de sonho fugace, ou simples devaneio do espírito.” (ALENCAR, 1994, p. 15)

Fugace: *adj2g*. 1. Que foge rápido. 2. Pouco duradouro; fugidio, fugitivo. § **fu.ga.ci.da.de** *sf*. (FERREIRA, 2000, p. 335).

Nota Linguística: Variação de fugaz. “Fugace” é forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

Devaneio: *sm*. Capricho da imaginação; sonho, fantasia. (FERREIRA, 2000, p. 233).

Nota Linguística: Forma ainda em uso no português em sua modalidade culta.

5. “Seria um pressentimento? Creio eu que não era senão uma antítese natural da imaginação com o espírito. É muito frequente encontrarem-se caracteres joviais que têm o sentimento elegíaco, e ao contrário misanthropos com uma veia cômica inexaurível”. (ALENCAR, 1994, p. 15)

Elegíaco: Relativo à elegia. *sf*. Poema lírico em geral triste. (FERREIRA, 2000, p. 252).

Nota Linguística: Forma ainda em uso, por se tratar de verbete explicativo sobre um termo literário.

Misanthropos: (Ô) *adj. sm*. Que ou quem sofre de misantropia. (FERREIRA, 2000, p. 465).

Nota Linguística: Forma ainda em uso, por se tratar de verbete explicativo sobre um termo das Ciências Sociais.

Inexaurível: (z) *adj2g*. V. *inesgotável*. [PL.: -veis.] (FERREIRA, 2000, p. 386).

Nota Linguística: Forma ainda em uso no português em sua modalidade culta.

6. “Todavia nas raras vezes em que soava a grossa campã da entrada, aparecia logo um velho criado, todo vestido de preto, que introduzia a visita com uma cortesia respeitosa, mas fria e taciturna”. (ALENCAR, 1994, p. 16)

Taciturna: *adj*. 1. Que fala pouco. 2. Triste. (FERREIRA, 2000, p. 659).

Nota Linguística: Forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

7. “Ainda mesmo nos seus dias de *misanthropia* o semblante do Sr. Hermano era tão modesto e sereno que ninguém via na sua desatenção orgulho ou falta de civilidade”. (ALENCAR, 1994, p. 16)

Misanthropia: *sf.* Aversão à sociedade, aos homens. § **mi.san.tró.pi.co** *adj.* (FERREIRA, 2000, p. 465).

Nota Linguística: Forma ainda em uso, por se tratar de verbete explicativo de termo das Ciências Sociais.

8. “Eram os *arrebóis* dessa esplêndida mocidade que ele ainda mostrava nos seus momentos de expressão, quando desprendia-se da constante preocupação” (ALENCAR, 1994, p. 17)

Arrebóis: *sm.* Vermelhidão do nascer ou do pôr do Sol. [Pl.: *-bóis.*] (FERREIRA, 2000, p. 62).

Nota Linguística: Forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

9. Imagine-se que um *cinzel* inspirado idealizava esse esboço e dava às linhas do perfil a harmonia que lhes negara a natureza. Tal seria, não o retrato de Julieta, mas o tipo que sua pessoa refletiria na imaginação do artista a quem servisse de modelo. (ALENCAR, 1994, p. 17)

Cinzel: *sm.* Instrumento de aço, cortante, usado por escultores e gravadores. [Pl.: *-zés.*] (FERREIRA, 2000, p. 155).

Nota Linguística: Forma ainda em uso, por se tratar de instrumento usado por artistas plásticos.

10. “Uma escrava que o oficial trazia, fatigada das jornadas, mal podia acudir à senhora. Foi pois o *furriel* Abreu que serviu de ama-seca à menina; e tal amizade tomou-lhe que não quis mais separar-se dela”. (ALENCAR, 1997, p. 18)

Furriel: *sm.* V. hierarquia militar. [Pl.: *-éis.*] (FERREIRA, 2000, p. 338).

Nota Linguística: Forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

11. “Hermano aproximava-se dos trinta anos, e vivera muito nesse tempo. Julieta aos vinte anos não conhecia o mundo; e seu coração virgem era um manancial de ternura. Que diálogo *inefável* entre aquela inteligência pródiga e essa inocência *ávida* de saber, rica de afeto? (ALENCAR, 1994, p. 19)

Inefável: *adj2g.* 1. Que não se pode exprimir por palavras. 2. Encantador, inebriante. [Pl.: *-veis.*] (FERREIRA, 2000, p. 386).

Nota Linguística: Forma ainda em uso no português em sua modalidade culta.



Ávida: *adj.* 1. Que deseja com ânsia. 2. Cobiçoso. 3. Muito sedento ou faminto. § a.vi.dez (ê) *sf.* (FERREIRA, 2000, p. 79).

Nota Linguística: Forma ainda em uso no português em sua modalidade culta.

12. “Sua individualidade, escoimando-se da liga mundana, apagando os traços de uma mocidade fácil, identificava-se de mais em mais com o espírito puro e imaculado da moça;” (ALENCAR, 1994, p. 20)

Escoimando-se: *v.t.d.i.* 1. Livrar (de impurezas, ou, *Fig.*, de falhas, etc.); limpar. *P.* 2. Livrar-se. (FERREIRA, 2000, p. 281).

Nota Linguística: Forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

13. “Reparando na elegância e garbo do par que subia as escadas de pedra alcatifadas de fino tapete, a menina pensou no dia de seu casamento; e desejou que seu noivo fosse tão lindo como aquele” (ALENCAR, 1994, p. 20)

Garbo: *sm.* 1. Elegância (1). 2. Distinção (3). (FERREIRA, 2000, p. 342).

Nota Linguística: Forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

14. “No toucador, sentada junto a uma mesa de charão, Julieta procurava numa caixinha de joias uns botões para os seus punhos de cambraia”. (ALENCAR, 1994, p. 20)

Cambraia: *sf.* Tecido fino de linho ou de algodão. (FERREIRA, 2000, p. 123).

Nota Linguística: Forma ainda em uso, por se tratar da denominação de tecido ainda utilizado nos dias atuais.

15. “A existência dos dois noivos continuou sem alteração; sua felicidade tornou-se com o tempo mais serena e por isso mesmo mais intensa. Afinal apareceu uma ligeira nuvem naquele céu aberto. Estavam casados havia mais de três anos, e não tinham filho. Começaram a sentir essa falta; era o primeiro desejo não satisfeito. Engolfados no misticismo do amor, tão gratos às imaginações vivas, eles consolavam-se com uma teoria psicológica um tanto abstrata, mas original e encantadora”. (ALENCAR, 1994, p. 21)

Engolfados: *v.p.* 1. Penetrar, entranhar-se. 2. Absorver-se. [Conjug.: [engolf]ar[-se]] (FERREIRA, 2000, p. 267).

Nota Linguística: Forma em desuso, erudição reservada aos textos literários que remetem a interação das elites em que se insere o texto de José de Alencar.

A partir desse glossário, esta pesquisa visa realizar uma sugestão de Sequência Didática (SD), que envolva o estudo da lexicologia a partir da obra *corpus*, resultando no total de 03 (três) aulas, que totalizam, aproximadamente, 06



(seis) horas sincrónicas. É importante salientar que deverá ser realizada a partir de aulas feitas no ensino fundamental básico, enquadrando-se tanto no ambiente presencial, como via remota.

6 Considerações Finais

Pretendemos neste artigo investigar sobre a presença dos cultismos no romance urbano *Encarnação* (1893), de José de Alencar. Para tanto, inicialmente, analisamos a linguagem enquanto elemento distintivo do ser humano dentre as demais espécies, assim, enquanto elemento de interação entre os indivíduos, o que nos levou, conseqüentemente, à análise do modo particular de utilização dos diferentes recursos linguísticos pelo autor.

O percurso teórico-metodológico por qual seguimos foi orientado pela seção retórica proposição do tema discorrendo sobre cultura e identidade, ambas perpassadas pelo uso da linguagem e suas nuances. Desse modo, a partir da análise realizada com fragmentos do romance, procedemos à coleta dos cultismos, separando, dentre eles, um corpus de 15 cultismos.

Na análise deste material, constatamos a abundância de substantivos, adjetivos, verbos, como também, advérbios em sua maioria em desuso. Logo, para essa constatação apontamos também que as escolhas dos trechos se concentram nos espaços geolinguísticas da Corte fluminense do século XIX, com seus luxuosos bailes, casas ricamente mobiliadas e personagens tipicamente burgueses. Disso, possivelmente, decorre a não utilização de alguns cultismos, visto que as transformações sociais acarretam mudanças no léxico.

Essa afirmação reforça que o cultismo pode ter sido de certa forma, abandonado das páginas literárias, como também do convívio social devido às demandas das sociedades atuais, cujas necessidades se ajustam à contemporaneidade. Ressaltamos, aqui, a necessidade de estudos dos cultismos, visto que são eles partem da língua e caracterizam os indivíduos que viveram noutras épocas, possibilitando ao leitor atual a reconstrução daquele universo.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem estudos linguísticos, não feitos de forma isolada, mas entrelaçados aos estudos da cultura, da literatura e dos processos identitários que a linguagem é capaz de produzir nos sujeitos. Esperamos que esta proposta possa contribuir respostas para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Encarnação*. São Paulo: Editora Ática, 1994. (Série Bom Livro)

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.

BAGNO, Marcos. Que é uma Língua? imaginário, ciência e hipóstase. In.: **Objeto língua**. São Paulo: Parábola, 2019, 189-217.



Biografia de José de Alencar. Disponível em:

<https://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia> Acesso em: 10/09/2022 às 17h40min.

CEVASCO, Maria Elisa. “O tema cultura e sociedade”. In.: **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 09-25.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Linguagem. Língua. Dialeto*. In.: **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005, p. 21-28.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2000.

LYONS, Jhon. *Linguagem*. In.: **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 1-22.

SALES, Germana Maria Araújo. *Folhetins: uma prática de leitura no século XIX*. Editora: Entrelaces. Agosto de 2007, p. 44-56 Disponível no Google Acadêmico em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23198/1/2007_art_gmasales.pdf Acesso em: 09/09/2022 às 09h21min.

SILVA, Marinalva Freire. *Cultismo e Campos léxicos*. In: **Edição do Regime Proveytoso contra há pestenença (1496-1500?)**. João Pessoa: Ideia, 2008, p. 73-86.



AGRADECIMENTOS

Ao querido, Prof. Me. Rafael Francisco Braz, que além de um profissional excepcional, humano e cheio de boas energias, também é um ser amigo. Acolheu-me, guiou-me e incentivou-me a buscar voos altos na vida acadêmica, agradeço-te por todos os ensinamentos nessa árdua caminhada, sou e serei uma profissional melhor, levarei sempre seus sábios conselhos comigo. Obrigada!

A minha mãe e as minhas irmãs, por sempre acreditarem em mim e darem forças nos dias difíceis e nublados da caminhada árdua e solitária de estudos. Agradeço-te mãe, por ter me ensinado a ser forte e resiliente! Obrigada por tudo!

Ao meu amado esposo, Kleyton Câmara, por compreender minhas ausências, por apoiar-me diariamente, por ser meu abrigo nos dias difíceis e sempre incentivar-me a acreditar que existe dias melhores. Obrigada por todo amor e companheirismo!

Ao bom e amado Deus, pela sua misericórdia diariamente, por sua proteção e por fazer-me FORTE e CORAJOSA (Josué: 1:9) para vencer diariamente a caminhada, capacitando-me e tornando-me um ser melhor, apesar dos desafios da vida. Gratidão, Abba!